



Grupo de Estudo de Desempenho Ambiental de Sistemas Elétricos-GMA

Centro de Documentação da História e Memória Kaingang: uma experiência exitosa em áreas de empreendimentos do sistema elétrico

**FRANCIELE ALVES DA SILVA(1);
Copel GET(1);**

RESUMO

Este informe técnico tem como objetivo apresentar a experiência do projeto Centro de Documentação da História e Memória Kaingang. O projeto faz parte das ações do Programa *Vênh Kar*, cujas atividades e coordenação são decorrentes de compromissos firmados, em 2006, entre a Copel Geração e Transmissão S.A; o Ministério Público Federal, Fundação Nacional do Índio e a Comunidade Indígena Apucarantina, em razão da instalação e funcionamento da Usina Hidrelétrica Apucarantina, parcialmente localizada na Terra Indígena Apucarana. Resultado de um diagnóstico participativo, o *Vênh Kar*, tem como missão desenvolver ações nas áreas socioeconômica, ambiental e cultural junto à Comunidade Indígena do Apucarantina.

PALAVRAS-CHAVE

Comunidade Indígena, Centro de Memória, Usina hidrelétrica, Cultura Kaingang.

1.0 - INTRODUÇÃO

O setor de geração de energia no Brasil, sobretudo, hidrelétricas, tem contribuído, dentro de suas especificidades, com o desenvolvimento econômico e social do país, todavia, os impactos ocasionados por esses empreendimentos ensejam, por outro lado, conflitos e tensões entre os atores sociais e setores da sociedade envolvidos. Emerge, nesse contexto, a necessidade de respostas aos impactos socioambientais e culturais que endossam a responsabilidade do setor elétrico nessas questões. Exemplo dessa responsabilização tem se dado por meio de compensações financeiras e indenizações para os grupos atingidos, como, por exemplo, as comunidades indígenas.

Nesse sentido, este artigo pretende apresentar uma experiência exitosa junto a comunidades indígenas na promoção de diálogos e viabilização de ações de compensação dos impactos causados por empreendimentos hidrelétricos. Especificamente, a discussão a ser apresentada se vincula à experiência do projeto Centro de Documentação da História e Memória Kaingang, na Terra Indígena Apucarantina, no Paraná. O projeto faz parte das ações do Programa *Vênh Kar*, cujas atividades e coordenação são decorrentes de compromissos firmados, em 2006, entre a Copel Geração S.A, atual Copel Geração e Transmissão S.A; o Ministério Público Federal, Fundação Nacional do Índio e a Comunidade Indígena Apucarantina, em razão da instalação e funcionamento da Usina Hidrelétrica Apucarantina, parcialmente localizada na Terra Indígena Apucarana. Resultado de um diagnóstico participativo, o *Vênh Kar*, denominação no idioma kaingang que significa "para todos", tem como missão desenvolver ações nas áreas socioeconômica, ambiental e cultural junto à Comunidade Indígena do Apucarantina.

A gênese deste projeto está relacionada à produção do primeiro filme documentário dos Kaingang do Apucarantina, denominado *Ëg in, nossa casa*, desenvolvido entre os anos de 2014 e 2016. Neste período, consolidou-se um grupo indígena, composto por 8 pessoas da comunidade, dedicado a atividades de produção audiovisual na terra indígena. As ações fomentaram atividades de discussão sobre memória e produção audiovisual entre os indígenas, por meio da realização de rodas contação de histórias, nas quais os mais velhos

são o centro da partilha de experiências, e cineclubes, que promoveram a exibição e debate junto à comunidade das filmagens produzidas dentro da aldeia pelo grupo e de filmes externos sobre a temática indígena. A partir desta primeira experiência, ampliaram-se as ações através do Projeto Centro de Documentação da História e Memória Kaingang, que tiveram início em setembro de 2016. Em mais de dois anos de funcionamento, as atividades e resultados tem demonstrado a importância deste projeto para o fortalecimento da cultura kaingang e a promoção de protagonismo desta comunidade em suas relações internas e externas.

2.0 - UM BREVE OLHAR SOBRE O NASCIMENTO DO PROGRAMA VĚNH KAR

O Programa de Sustentabilidade Socioeconômica Ambiental e Cultural é fruto de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) firmado em 2006 entre Comunidade Indígena Apucarantina (CI Apucarantina), Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Ministério Público Federal (MPF) e Copel Geração e Transmissão S/A (Copel GeT), com o objetivo de indenizar a comunidade do Apucarantina por impactos ambientais, morais e culturais para a presente e as futuras gerações dos indígenas, em função da instalação e operação da usina de Apucarantina, parcialmente localizada na Terra Indígena Apucarana (TI).

Do montante fixado para a indenização, determinou-se que 20% fosse distribuído para as famílias indígenas residentes na TI Apucarantina e 80% fosse destinado à composição de um Fundo, depositado em aplicação financeira em conta em nome da Associação de Moradores da Terra Indígena Apucarantina, para patrocinar o Programa. Este Fundo é administrado por um Comitê Gestor, em gestão compartilhada entre a concessionária de energia e a comunidade indígena, por meio dos representantes de cada parte.

Dentre as obrigações determinadas neste TAC, coube ainda à Copel GeT criar, implementar e coordenar este Programa. A versão final dos produtos contratados para elaboração do Programa foi entregue em 2012, iniciando-se as atividades. Porém, o caminho até seu início e desenvolvimento posterior se configurou em muitos capítulos antes, sobretudo, na história dos Kaingang.

A Terra Indígena (TI) Apucarantina está localizada na zona rural do município de Tamarana, cerca de 25 km de seu núcleo urbano, e a 80 km do município de Londrina, cidade polo regional no norte do Estado do Paraná. A área da TI é de pouco mais de 5,5 mil hectares, sendo limitada ao sul pelo rio Apucarana, a norte pelo rio Apucarantina, a leste pelo rio Tibagi, integrando a bacia do Tibagi, que desagua no Rio Paranapanema. De acordo com os dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) do ano de 2014 haveria 1.752 pessoas residentes na TI.

Os Kaingang, grupo étnico que ocupa este território da TI, constituem o terceiro maior povo indígena do Brasil em tamanho de população, somando, segundo o IBGE (2010), 37.470 pessoas. Sua língua pertence à família linguística Jê, integrando junto com os Xokleng, o grupo dos Jê Meridionais. Este grupo étnico habita as terras da região de Londrina há muitos séculos antes da chegada dos não-índios; os primeiros contatos registrados datam do início do século XVII com as missões jesuítas no interior do que é hoje o estado do Paraná. As ações de aldeamento e redução de seus territórios tradicionais ocorreram mais intensamente no período compreendido entre 1770 e 1930. Atualmente os Kaingang ocupam pouco mais de 30 áreas reduzidas, que representam uma pequena parcela de seus territórios tradicionais, distribuídas nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os Kaingang são o grupo étnico com maior número de falantes do idioma nativo entre os povos indígenas do Brasil.

No início do século XX o Estado havia reservado aos Kaingang, através do Decreto número 6, de 5 de julho de 1900, assinado pelo governador à época Francisco Xavier da Silva, as terras compreendidas entre os rios Tibagi, Apucarana e Apucarantina e a Serra do Apucarana, que somavam 54.000 hectares. Todavia, diante dos conflitos entre indígenas e colonos que se intensificaram com o aumento dos imigrantes e migrantes no Paraná, as autoridades políticas buscaram uma forma de liberar terras para o processo de colonização, reduzindo as áreas dos indígenas. Assim, alegando a necessidade de proteção dos chamados "silvícolas", em acordo feito entre os governos estadual e federal, através do Ministério da Agricultura, o Decreto Estadual nº. 13.722, de 19 de janeiro de 1951, reduziu seis áreas já destinadas aos índios Kaingang no Estado, sendo que à de Apucarana restaram 5.575 hectares.

Paralelamente ao processo de aldeamento dos kaingang, o Salto Grande do Rio Apucarantina, com 126 metros de altura, localizado na Terra Indígena Apucarantina, teve a exploração do seu potencial hidrelétrico autorizado pelo Decreto Federal ° 20.418, em 17 de janeiro de 1946.

A usina de Apucarantina entrou em operação em 1949, sob a responsabilidade da Empresa Elétrica de Londrina – ELSA, incorporada em 1974 pela Companhia Paranaense de Energia – COPEL. Desse modo, observa-se que a edificação e funcionamento deste empreendimento se deu anteriormente à atual legislação ambiental, e ao estatuto atribuído às Terras Indígenas pela Constituição Federal de 1988. Esta Constituição consolidou, pois, a figura institucional do Ministério Público Federal, consignando-lhe as funções de defesa da ordem jurídica, do regime democrático, e dos interesses sociais e individuais indisponíveis.

Com a vigência deste novo marco jurídico, um uso até então legalizado destas áreas foi tornado irregular, o que possibilitou ao MPF atuar junto a empreendedores em situação análoga a da empresa para indenizar as comunidades indígenas e a renegociar os termos de utilização das áreas a elas destinadas pelo texto constitucional, devido à localização de empreendimentos em seu interior.

Neste contexto nasceram as bases que configuraram o referido TAC e, conseqüentemente, o Programa denominado em kaingang de *Věnh Kar* que significa "para todos". Esta designação (que será utilizada daqui em diante neste texto) elaborada a partir do diagnóstico realizado para construção do Programa, resultou em uma logomarca inspirada no mito da origem dos kanhgág, nas representações visuais, grafismos e no conceito do Ra iãnhá – marcas misturadas das patrimetades.



FIGURA 1 – Logomarca do Programa Vênh Kar

Este mito de origem que inspirou a definição do nome Programa *Vênh Kar* e do seu símbolo de representação está relacionado à organização social dos Kaingang. Tradicionalmente, esta organização era definida através da divisão em grupos relacionados entre si por trocas matrimoniais, prestações de serviços e atividades rituais. Destacam-se, nesta configuração social e ritualística, dois grupos denominados Kamé e Kairu. Dependendo da localidade, a denominação destes dois grupos fundamentais na identificação Kaingang podem ser conhecidos por outras designações tais como *Rã Roio* e *Rã Kutu*, riscado e pintado ou como comprido e redondo. Estas últimas nomeações citadas, comprido e redondo, são mais comuns na região do Vale do Tibagi e especificam o que eles querem dizer com o casamento entre marcas distintas. Nos momentos rituais, são as marcas que identificam o pertencimento dos indivíduos dos dois grupos: os Kamé são marcados na face com riscos alongados e os Kairu com pintas circulares.

Na mitologia kaingang, Kamé e Kairu estão associados com a origem do mundo e da vida em sociedade. Há vários e diversificados relatos envolvendo essa mitologia, sendo que o elo comum entre eles é o entendimento de que o universo humano, extra-humano e natural são operados através de relações dualistas, nas quais estas dimensões possuem características complementares e assimétricas. Ou seja, assim como a sociedade necessita de duas partes complementares para existir, entende-se que o universo e a natureza também.

A logomarca constituída a partir deste mito de origem teve como objetivo representar um programa destinado a promover o desenvolvimento socioeconômico, ambiental e cultural dos Kaingang residentes na Terra Indígena Apucaraniha. De acordo com o Regimento Interno desenvolvido para o *Vênh Kar*, a missão do programa é atuar respeitando a identidade cultural dos indígenas, seus costumes, tradições e instituições, fomentando a sua autodeterminação, preservando seu modo tradicional de produção e de manejo dos recursos naturais, visando conservar e preservar o equilíbrio e a diversidade biológicas para a presente e para as futuras gerações, de maneira compatível com suas aspirações e seu modo de vida.

Os projetos que compõem o Programa *Vênh Kar* estão organizados nas seguintes áreas:

- a) Projetos produtivos: aqueles voltados para a subsistência e/ou geração de renda para a Comunidade Indígena do Apucaraniha;
- b) Projetos socioambientais: aqueles voltados à conservação da biodiversidade, destacando-se ações de preservação, recuperação, desenvolvimento de atividades produtivas, constituição de áreas de preservação permanente, manejo e extrativismo, com fins ao estabelecimento de zoneamento etnoecológico;
- c) Projetos socioculturais: aqueles voltados à valorização cultural —tradicional e contemporânea— e identitária dos Kaingang residentes na Terra Indígena Apucaraniha;
- d) Projetos de capacitação de indígena: aqueles cujas ações são voltadas a treinar e capacitar tecnicamente os indígenas para gerenciamento e execução do *Vênh Kar*, e para conceber e desenvolver projetos.

O projeto Centro de Documentação da História e Memória Kaingang, objeto deste Informe Técnico, está inscrito no âmbito dos projetos socioculturais.

2.1 Produção audiovisual Kaingang: a experiência da Comunidade Indígena Apucaraniha

A gênese da produção audiovisual da Comunidade Apucaraniha está relacionada ao desenvolvimento, entre os anos de 2014 e 2016, do projeto *A cultura kaingang no Apucaraniha*, também denominado informalmente pelos indígenas de Projeto de “Filmagem” do Programa *Vênh Kar*. O principal objetivo proposto, com apoio técnico e pedagógico de uma equipe de três educadores¹, foi fomentar os conhecimentos tradicionais através de entrevistas e performances gravadas em áudio e vídeo junto aos idosos e intelectuais da comunidade indígena. Simultaneamente, o projeto propiciou a capacitação dos jovens indígenas para operar câmeras de vídeo,

¹ Esta equipe técnica foi contratada com recursos do Fundo do Programa *Vênh Kar* e é composta por educadores com experiência em desenvolvimento de trabalho com comunidades tradicionais e de projetos audiovisuais. Os três educadores são um antropólogo com mestrado na área de gestão ambiental, um historiador e cineasta com doutorado na área de educação e uma engenheira ambiental com mestrado na área de educação e meio ambiente. Os encontros de formação e as atividades são desenvolvidas semanalmente no escritório do Programa *Vênh Kar* localizado na Terra Indígena Apucaraniha.

construir roteiros, entrevistar e editar imagens e sons.

Durante o projeto “Documentário”, consolidou-se um grupo composto por oito pessoas da comunidade, dedicado a atividades de produção audiovisual na referida localidade. As ações fomentaram atividades de discussão sobre memória e produção audiovisual entre os indígenas, por meio da realização de *rodas contação de histórias*, nas quais os mais velhos são o centro da partilha de experiências, e *cineclubes*, que promoveram a exibição e debate junto à comunidade das filmagens produzidas dentro da aldeia pelo grupo e de filmes externos sobre temáticas indígena.

Como produto final, foi elaborado um Documentário com cenas registradas pelos indígenas, edição por não indígenas e roteiro coletivo, chamado “*Ēg ĩn: nossa casa*”. O filme é dividido em três partes: *Guiri* (crianças), *Kyg rŭn* (jovens) e *Ūng sánh ág* (adultos). Em cada parte, retratam um pouco do cotidiano da comunidade: as crianças brincando livremente, os jovens falando do amor que sentem por suas companheiras e os cânticos ancestrais entoados por uma das moradoras mais antigas da aldeia.

Percebe-se também o dinamismo cultural desta comunidade que se transforma e constitui novas formas de reproduzir seus modos de vida; este dinamismo cultural se faz pelo processo de contato com a sociedade nacional, pela urbanização no entorno dos municípios onde se localizam as terras indígenas, pelo acesso a tecnologias, pelos bens de consumo, pelo acesso a políticas públicas voltadas a populações indígenas. Estas questões são retratadas em cenas como as do cotidiano escolar, dos bailes com músicas sertanejas populares, pelo interior das casas que misturam o preparo de comidas tradicionais com o uso de artefatos modernos como fogão, televisão, celulares. No hino nacional cantado em kaingang pelas crianças mostra-se a ideia de pertencimento ao Estado Nacional e, por outro lado, a preservação de seu idioma nativo por gerações; o kaingang é o idioma com maior número de falantes entre as etnias indígenas existentes no Brasil.

As 1.400 cópias do filme, reproduzidas em DVDs, foram distribuídas entre a comunidade, outras terras indígenas da região, espaços educacionais e de memória (escolas, museus, etc.) em encontros acadêmicos e institucionais. O filme documentário *Ēg ĩn: nossa casa*, estreou no dia 29 de junho de 2016 dentro do evento “Seminário sobre Cultura Indígena e Patrimônios Museológicos” promovido pelo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss. Além da presença da equipe do projeto (indígenas e não-índios), o evento contou com um público diversificado, composto principalmente por alunos da rede pública de Londrina, professores, universitários, representantes da prefeitura do município de Londrina, o procurador federal do Ministério Público de Londrina, representantes da Copel GeT no Comitê Gestor e na coordenação do Programa *Vênh Kar*.

Essa primeira produção foi marcada por dois aspectos inéditos: trata-se da primeira criação audiovisual por parte de indígenas da Comunidade Apucarantina e também por seu processo de co-criação, em que os indígenas não foram apenas filmados por terceiros (não pertencentes à sua comunidade), mas exerceram papel ativo, técnico e criativo. Praticamente todas as filmagens foram realizadas pelos indígenas, com a colaboração de não-indígenas na produção do projeto e a edição do filme. Os roteiros de filmagem surgiram dos encontros, marcados pela reflexão e discussão coletiva. No início do projeto os indígenas convidados para participar das oficinas de filmagem relatavam o incômodo com outras filmagens que já haviam sido realizadas na aldeia por pesquisadores ou instituições, as quais não haviam sido apropriadas pelos indígenas e cuja finalidade aparecia em seus discursos como algo incompreendido e distante.

A partir desta primeira experiência, ampliaram-se as ações através do Projeto Centro de Documentação da História e Memória Kaingang, denominado apenas por Centro de Memória e Cultura Kaingang (CMCK). Este projeto refere-se à construção e à organização de um espaço para documentação, pesquisa, encontros e capacitação. O Centro de Documentação da História e Cultura Kaingang da Terra Indígena Apucarantina tem como objetivo contribuir com o resguardo e a transmissão da memória e do conhecimento entre e sobre os habitantes originários do território desta comunidade. O projeto teve início oficialmente em setembro de 2016 com as seguintes metas:

- Elaboração, montagem e disponibilização de acervo de memória sobre os Kaingang e outras culturas indígenas.
- Capacitação técnica para escrita e desenvolvimento de projetos culturais; organização e manutenção de equipamentos e de materiais.
- Articulação de parcerias com instituições públicas e privadas visando o desenvolvimento das atividades do projeto Centro de Documentação da História e Cultura Kaingang da TI Apucarantina.
- Realização de registros audiovisuais e fotográficos sobre a cultura e memória dos Kaingang.
- Organização de um livro contendo as histórias (tradicionais e contemporâneas) da comunidade.



FIGURA 2 - Logo CMCK produzido pelos indígenas

O desenvolvimento das metas se deu por meio de atuação dentro e fora da comunidade, expressos na organização interna da produção audiovisual que resultou em entrevistas, depoimentos e registros do cotidiano realizados pelos membros indígenas e não-indígenas que compõem o CMCK. A autonomia técnica dos indígenas em utilizar os equipamentos de registro audiovisual, em formular os roteiros de filmagens e a disseminação da percepção da importância desses registros garantiu que eles pudessem transitar livremente pelas três aldeias que compõem a Terra Indígena Apucarantina. O projeto ganhou um lugar de destaque dentro da comunidade e os indígenas, chamados de “equipe de filmagem”, são acionados para registrar diferentes atividades como festas da comunidade e das escolas da aldeia, campeonatos de futebol, reuniões, pescarias, os grupos de dança, entre outras.



FIGURA 3 - Exposição do CMCK sobre memória e cultura Kaingang para escola da Comunidade



FIGURA 4 - Equipe indígena do CMCK registrando festividades tradicionais da TI Apucarantina



FIGURA 5 - Atividade de edição de vídeos realizada pelo CMCK.

Quanto às articulações externas que vem se desenvolvendo destaca-se que a partir da aproximação proporcionada pela estreia do filme documentário “Ég ãn: nossa casa”, em 2016, a direção do Museu Histórico de Londrina convidou a equipe indígena e não indígena do CMCK a colaborar na reconstrução da exposição permanente do museu com o objetivo de incluir a história dos índios na exposição, contada por eles.

Esta parceria com o Museu Histórico de Londrina resultou em vários encontros, realizados durante o ano de 2017, para elaboração da exposição museológica dessa memória. A convite da equipe do CMCK alguns anciões da comunidade se juntaram ao grupo para ajudar a discutir a composição do espaço e também na identificação de fotos da comunidade do Apucarantina que faziam parte do acervo do museu, mas que não estavam catalogadas. Essa discussão resultou em uma planta baixa e perspectivas projetadas por equipe técnica do museu para a modificação da antessala que abre a ala de exposição permanente da instituição.

Além disso, a equipe tem recebido convites de outras terras indígenas para compartilharem sua experiência de produção audiovisual, inclusive para ajudarem a “montar” uma equipe de filmagem em outras comunidades. Participaram de encontros de contadores de história, de museologia indígena e exibiram um novo filme curta-metragem (*Gir Ag Ka Nhinhir*: crianças brincando), produzido integralmente pelos indígenas, na 19ª edição do Festival Kinoarte de Cinema, em Londrina.

2.3 – Atividades desenvolvidas e resultados alcançados

Em dois anos e meio de funcionamento, as atividades e resultados tem demonstrado a importância deste projeto para o fortalecimento da cultura Kaingang e a promoção de protagonismo desta comunidade em suas relações internas e externas. Abaixo apresentam-se as principais atividades e resultados obtidos:

TABELA 1 – Atividades de capacitação e formação da equipe do CMCK

FRENTE DE FORMAÇÃO	SÍNTESE DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	CARGA HORÁRIA
Oficinas de informática básica	Capacitação básica para o uso de computadores, suas ferramentas básicas e utilização dos serviços oferecidos pela <i>internet</i> .	100 horas
Oficinas de criação e gestão de páginas virtuais	Capacitação básica para criação e gestão dos principais tipos de páginas virtuais (<i>Facebook, Blog, Canal de compartilhamento de vídeo</i>) para divulgação das atividades desenvolvidas pelo CMCK. Criação da página virtual do Centro de Memória e Cultura Kaingang (<i>Blog, Facebook e Youtube</i>).	25 horas
Oficinas de organização, limpeza, manutenção e indexação de acervo	Oficinas desenvolvidas em parceria com o Museu Histórico de Londrina voltadas para noções básicas de indexação e catalogação de acervo (livros, matérias jornalísticas, peças tridimensionais) e organização, manutenção e limpeza de acervo.	228 horas
Noções básicas de museologia	Oficinas desenvolvidas em parceria com o Museu Histórico de Londrina sobre noções básicas de museologia social e curadoria de exposições; exposição museu nas escolas.	246 horas
Oficinas sobre noções básicas de organização, produção, editoração de livros e exposição	Desenvolvimento de atividades para elaboração artesanal de livros, organização de exposições e organização de conteúdo par ao livro do CMCK.	72 horas
Oficinas de filmagem e fotografia digital	Capacitação para manuseio de equipamentos, vivência de filmagem em equipe, programa de edição audiovisual e tratamento de imagem em fotografia digital.	264 horas
Oficinas de assessoria de imprensa e divulgação de eventos	Desenvolvidas oficinas para organização de eventos a partir da utilização dos canais de comunicação dentro da TI Apucarana (convite nas escolas, posto de saúde, rádio comunitária) e redes sociais.	14 horas
Oficinas de escrita e gestão de projetos	Desenvolvidas oficinas voltadas para pesquisa de editais e escrita de projetos para captação de recursos externos, para compreensão dos formatos de editais, dos órgãos de financiamento e das políticas públicas para cultura	36 horas
TOTAL DE HORAS DESTINADAS ÀS ATIVIDADES DE FORMAÇÃO/CAPACITAÇÃO		985 HORAS

As atividades de formação e de capacitação da equipe indígena trouxeram importantes resultados para este

projeto, os quais destacam-se:

- Organização e realização cineclube e rodas de *contação* de histórias na Terra Indígena Apucarantina.
- Organização e realização de visitas guiadas de escolas, pesquisadores e visitantes individuais à Terra Indígena Apucarantina.
- Participação no 19º Festival Kinoarte de Cinema de Londrina para exibição de um curta-metragem produzido pela equipe.
- Participação do 7º Encontro de Contadores de Histórias de Londrina – ECOH.
- Parceria com o departamento de Arquitetura da UEL para elaboração de projeto do espaço físico para o Centro de Memória.
- Criação de 7 curtas-metragens com patrocínio do Programa Estadual de Fomento e Incentivo à Cultura do Paraná (PROFICE)
- Em desenvolvimento 8 mostras culturais com patrocínio do Programa Estadual de Fomento e Incentivo à Cultura do Paraná (PROFICE)

Cabe ressaltar que a construção do espaço físico do CMCK resultará na criação do primeiro museu indígena do Paraná. O projeto arquitetônico para a sede do CMCK foi concebido a partir das discussões do grupo sobre a configuração e usos deste espaço de memória e em parceria com o Escritório de Projetos OCAS do Departamento de Arquitetura da Universidade Estadual de Londrina.

Antecipando parte das atividades que serão desenvolvidas neste espaço físico que será construído, o grupo tem promovido, desde o mês de maio de 2018, visitas guiadas de não-índios curiosos, pesquisadores, professores e educandos à Terra Indígena Apucarantina. A ação chama-se “porteiros abertas do CMCK” e ocorrem uma vez ao mês. O objetivo é desenvolver um trabalho educativo e de valorização da cultura indígena. Nestas visitas são os indígenas Kaingang que ensinam aos não-indígenas a sua história, contam suas memórias, sua riqueza cultural. Os Kaingang apresentam suas aldeias, suas cestarias, suas histórias e os filmes que estão criando. Indígenas cineastas, indígenas guias turísticos, indígenas museólogos, os indígenas discutindo suas memórias.

Dessa forma, o projeto Centro de Documentação da História e Memória Kaingang, mostra-se uma experiência exitosa junto a comunidades indígenas localizadas em áreas de empreendimentos do setor elétrico, contribuindo com a valorização da memória e cultura Kaingang, e, conseqüentemente, com o reconhecimento de seus direitos fundamentais e autonomia.

3.0 - CONCLUSÃO

As filmagens e acervos que têm sido construídos pelos indígenas nesse processo de criação do Centro de Memória mostram as possibilidades desta ferramenta em preservar as tradições e cultura, ao envolver os diferentes atores da comunidade, em especial pela troca de experiências entre jovens e velhos, faz da memória um espaço de afetividade ao passo que busca ressignificar hábitos e tradições, mas também resgatar laços emocionais e afetivos.

Ao se verem nas imagens os indígenas podem refletir sobre a própria cultura. Na Terra Indígena Apucarantina este processo é percebido, por exemplo, pela realização dos cineclubes e rodas de *contação* de histórias. Embora tenham sido ações motivadas e organizadas inicialmente pelos educadores não índios, a execução em si da atividade é feita pela equipe indígena que edita os filmes num formato e sequência que consideram melhor. Desde 2018, este grupo que compõem o CMCK passou a receber visitantes externos, orientando-os por meio de uma visita guiada à alguns espaços da Terra Indígena Apucarantina. Por quase três anos, o debate sobre o que filmar, por quê filmar, como filmar, articulado por este grupo, ocorreu internamente à comunidade.

Portanto, esta experiência do projeto Centro de Memória e Cultura Kaingang se desenha como uma possibilidade de revalorização da cultura enquanto ato criativo e formativo. Ao debaterem em seus vídeos tanto sobre seu cotidiano, quanto com relação às diversas situações, conflitos e contatos estabelecidos com a sociedade “dos brancos”, os indígenas constroem uma narrativa aberta, estimulando a troca de experiências e fortalecimento cultural.

Além disso, observa-se que este projeto também está em consonância com a Política de Sustentabilidade da Copel, por meio do desenvolvimento de ações que priorizam os cuidados com as comunidades do entorno de seus empreendimentos, especialmente neste caso, quanto à preservação e valorização cultural desta comunidade.

4.0 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(1) COSTA, Warley. Acerca de produções audiovisuais indígenas: reflexões para uma abordagem. II Seminário de Pesquisa da Faculdade de Ciências Sociais. Anais. Goiânia: UFG, 2011. Disponível em: https://anais.cienciasociais.ufg.br/up/253/o/Warley_Costa.pdf

(2) GALLOIS, Dominique & CARELLI, Vicent. Diálogo entre povos indígenas: a experiência de dois encontros mediados pelo vídeo. Revista de Antropologia. Vol. 38. n. 1. São Paulo: USP, 1995. p. 205-259. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/download/111448/109615/>

- (3) FADEC & FAUEL. [Documento] Versão final Diagnóstico e Programa Gerador de Projetos de Sustentabilidade Socioeconômica Ambiental e Cultural da Comunidade Indígena Apucarantina. 2012. CD.
- (4) MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Procuradoria da República do Município de Londrina. [Documento]. Termo de Ajustamento de Conduta Apucarantina – Indenização. Londrina: 01 de dezembro de 2006.
- (5) MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Procuradoria da República do Município de Londrina. [Documento]. Termo Aditivo ao Ajustamento de Conduta celebrado em 1º de dezembro de 2006. Londrina: 11 de janeiro de 2010
- (6) ROSA, Rogério Réus Gonçalves: O Território Xamânico Kaingang Vinculado às Bacias Hidrográficas e à Floresta de Araucária. Cadernos do Leparq. Vol. 2. n.4. 2005. p. 99-115. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/viewFile/888/868>
- (7) TOMMASINO, Kimyie. A história dos Kaingang da bacia do Tibagi: uma sociedade Jê Meridional em Movimento. Tese de Doutorado – PPGAS, USP, São Paulo, 1995.

5.0 - DADOS BIOGRÁFICOS



Franciele Alves da Silva – Socióloga e Mestre em Educação pela UEM, Especialista em Antropologia Cultural pela PUC-PR, Analista Socioambiental da Copel GeT desde 2012, atuando na gestão de projetos para comunidades tradicionais em áreas de operação de empreendimentos da Geração e Transmissão; é Membro do Comitê Permanente de Diversidade da Copel, atuando no planejamento, execução e acompanhamento de ações voltadas aos temas gênero, raça, deficiência, orientação sexual, idade e religião.